

O SUPREMO PONTIFICADO

Autor: Wagner Siqueira

As organizações empresariais também têm uma aristocracia eclesiástica. O Consistório ou Supremo Pontificado, também conhecido por Sacro Colégio Pontifício, é a assembléia de cardeais e que, nas organizações, se constitui na assembléia dos acionistas.

Os cardeais são chamados príncipes da Igreja. Os acionistas são os príncipes da aristocracia financeira.

Aprovam as grandes linhas e as direções estratégicas da Igreja, assim como fazem a assembléia dos acionistas ou o conselho de administração, por delegação no mundo dos negócios.

Os cardeais escolhem o Papa para dirigir os destinos da Igreja, e os acionistas o CEO para liderar a organização e garantir-lhes o melhor resultado possível de seus investimentos. Assim como eventualmente os cardeais podem ser nomeados para uma diocese, como foi o caso de D. Eugênio Salles por muitos anos no Rio de Janeiro, os acionistas também podem ser designados para alguma área de supervisão da organização empresarial.

Na Igreja os bispos são os preladados que governam uma diocese, isto é, uma determinada circunscrição ou região de ação pastoral.

No mundo globalizado, os bispos das organizações costumam ser os presidentes da empresa numa região econômica relevante.

O arcebispo na Igreja é o líder religioso responsável por uma grande região territorial. Nas organizações, os arcebispos costumam ser os presidentes da empresa para um conjunto de países ou mesmo de um ou mais continentes.

Já os padres ou pastores são os gerentes, executivos e supervisores operacionais das organizações.

A Igreja costuma conceder o título honorífico de Monsenhor aos padres que se destacam por relevantes serviços.

O mesmo fazem as organizações aos seus gerentes e executivos que se destacam, chamando-os honorificamente de diretores, consultores internos ou mentores, ora em reconhecimento efetivo às suas contribuições, ora para lhes assegurar maior prestígio e status junto à comunidade, ou ainda como uma prática sutil de retirá-los da linha direta de comando quando à espera da aposentadoria.

A Igreja realiza concílios e conferências entre os seus bispos, padres e pastores para avaliar desempenhos, formular diretrizes e assumir posicionamentos estratégicos nas dioceses.

O mesmo o fazem os presidentes, gerentes e executivos nas organizações.

Para a Igreja o mundo se constitui de crentes e de ímpios. A ação missionária do verdadeiro crente deve ser evangelizar o maior número possível de ímpios, levando-os para o seio da Igreja através da propagação das Boas Novas.

Nas organizações que se constituem em seitas, o mesmo fenômeno se repete: a busca missionária de evangelização dos empregados ainda não convertidos à espiritualidade da empresa, e mesmo a fidelização do cliente. Ou não seria a sua colonização?

A única diferença entre as seitas religiosas e as organizacionais é a direção da devoção ou da adoração.

Os líderes das denominações religiosas convocam os seus crentes à devoção a Deus na busca da salvação eterna.

Os líderes das organizações empresariais, transformadas em seitas convocam os seus colaboradores convertidos à devoção a um código de conduta que lhes garanta a felicidade na terra através da realização dos objetivos da organização.

É a graça de Deus que leva os crentes ao Reino dos Céus, alcançada pela aceitação, convencimento e obediência aos dogmas da fé.

É o beneplácito da organização aos seguidores de seus ritos, práticas e doutrinas que incorporam empregados especiais a um espaço específico de trabalho, que agrega pessoas afins na busca da

realização humana aqui na terra.

wagners@attglobal.net

www.wagnersiqueira.com.br